



O COTIDIANO E A BANALIZAÇÃO DAS VIRTUDES

THE EVERYDAY IS THE TRIVIALIZATION OF VIRTUES

SABBI, Carlos Roberto¹

RESUMO

Lançar o olhar sobre o cotidiano sempre será um exercício profundo e muitas vezes dolorido. Um dos aspectos do cotidiano e, que o marca negativamente, é o da banalização da percepção. Por outro lado está uma questão positiva a ser considerada que é o fato dele ser um campo de pesquisa fértil no aspecto da sociabilidade de todos os seres vivos. O automatismo executado totalmente de forma inconsciente é uma vantagem ou desvantagem? A manipulação encontra facilidades no baixo nível educacional. A capacidade de percepção ampliada do cotidiano é uma vantagem competitiva.

Palavras-chave: Automatismo; Banalização; Educação; Manipulação; Percepção.

ABSTRACT

Looking at daily life will always be a deep and often painful exercise. One aspect of daily life, that turns it negatively, is the trivialization of perception. On the other hand there is a positive question to be considered, which is the fact that it is a fertile field of research in the sociability aspect of all living beings. Automatism performed totally unconsciously is an advantage or disadvantage? Handling meets opportunities in low educational attainment. The ability of expanded awareness of daily life is a competitive advantage.

Keywords: Automatism; Trivialization; Education; Manipulation; Perception.

¹ Mestre em Educação pela Universidade de Caxias do Sul e uma ampla formação complementar, principalmente na área de administração e gestão comportamental. Endereço para acessar o CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4850624924863517>.

Introdução

A rotina é um hábito, uma prática de praxe encontrada, boa parte das vezes, no cotidiano. Sua análise transversalmente observada, em conjunto com o cuidar de si, com a virtude e com a vulgarização, revela uma parte importante de um cenário onde o contexto da educação apresenta um panorama dos seus níveis presentes na vida em sociedade.

Dentre tantos aspectos a considerar no cotidiano, um que marca negativamente é o da banalização da percepção. Pode-se notar a diferença de andar numa rua, numa nova cidade, num novo lugar, do que aquele que repetimos diariamente. Isso se repete de várias e diversas formas na maior parte do nosso dia-a-dia. Eventualmente surpreende-se com um prédio bonito que sempre esteve lá, porém nunca antes notado. Muitas outras situações poderiam e mereceriam ser exemplificadas, porém, para deixar explícita a vulgarização em questão basta lembrar que nos próprios casais isso acontece inclusive no próprio ato sexual, ambos fantasiando alguma coisa, conforme relatos, pesquisas e enquetes publicadas na mídia. Em outros termos, é estar não estando, ver não vendo, ouvir não ouvindo. Esse é um lado incontestado em que as rotinas levam a todos a diminuir sobremaneira a percepção das coisas, de tudo, da própria vida.

Do outro lado está a marca profundamente positiva do cotidiano de ser um campo de pesquisa extraordinário da sociabilidade de todos os seres vivos. Aliás, exatamente nesse ponto vale destacar Pais² que diz que quando se viaja pelo cotidiano o pesquisador vê as coisas reduzidas aos seus signos, que por sua vez foca o sentido de símbolo, que segundo o Dicionário

Houaiss³ explicita ser “aquilo que, por convenção ou por princípio de analogia formal ou de outra natureza, substitui ou sugere algo”. Símbolo ou signo, portanto, carrega toda uma riqueza de situações, fatos, que constituem o viver e, mais, o conviver e tudo o que se produz a partir de então.

Pais⁴ vai mais adiante ao afirmar que:

E é esta natureza ideográfica do social que leva a ter um caráter enigmático, bem evidenciado no seu duplo sentido: literal e secreto, visível e invisível, mundano e transcendente. A ambivalência da realidade social é, afinal, o fundamento da própria sociologia.

Neste conjunto dessas dualidades, assim como a essência da vida a qual carrega o próprio absolutismo dual, está o campo de pesquisa o qual necessariamente deve estar constituído de uma mobilidade investigativa permanente e competente.

Os aspectos do cotidiano

Aos poucos e em partes a observação sistematizada poderá construir ou reconstruir situações obscuras e surpreendentes. Stecanela⁵ trata sobre os instrumentos para a “escavação do cotidiano” citando que as teorias e os conceitos são alguns desses instrumentos, destacando a importância de não poderem engessar a ação do investigador. Obviamente a observação de Stecanela se prende ao fato de se estar atento ao novo, ao inusitado que sempre pode surpreender. Afinal de contas, outra característica do cotidiano, pois ele reflete o conjunto da própria vida, que tem de forma inerente a

³ HOUAISS, Instituto Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

⁴ PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

⁵ STECANELA, Nilda. O cotidiano como fonte de pesquisa nas ciências sociais. **Conjectura**, v. 14, n. 1, Caxias do Sul, 2009.

² PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.



infinitude como pressuposto básico e, portanto, nenhuma sistematização poderá ofuscar a descoberta do inusitado, que mesmo sendo algo não usual, faz parte dos fatos, portanto, verdadeiro.

Pais⁶ se refere à verdade como sendo algo opaco. Talvez se possa analisá-la como algo, além disso, alguma coisa que esteja numa complexidade ou numa dimensão bem além do que um simples ser humano seria capaz de decifrá-la, ao menos sozinho. Quem sabe isso não seja a própria essência ou sentido da existência, onde devemos buscar nas outras pessoas o complemento de tudo, no caso, da percepção mais completa, mais absoluta e clara?

Especulações à parte, não custa ser humilde e compartilhar as percepções do cotidiano, independentemente do método de pesquisa e de busca do entendimento, do conhecimento, do inusitado, do saber, enfim. A propósito, é Stecanela⁷ quem afirma de que o método é coadjuvante, não um molde”, pois caso contrário o risco da distorção se torna presente.

Para a superação da banalização poder-se-ia recomendar o exercício de deixar a mente livre, branca e pura para dar espaço à observação.

Aliás, sem humildade não existe ambiente para o aprendizado, conforme ensina Chatterjee⁸ ao afirmar que é o campo onde o conhecimento se torna aprendizado e de que seu verdadeiro sentido é um estado de espírito, além de representar um estado de potencialidade pura.

Para auxiliar a pensar sobre essa categoria do cotidiano, Certeau (2005), dá a sua colaboração ao conceituar que “é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia”. Ele também define o cotidiano como sendo

algo que: “todo dia pela manhã, aquilo que assumimos ao despertar”, ou ainda como sendo “o peso da vida”. Ele ainda diz se tratar “daquilo que nos prende intimamente, a partir do interior” (p. 31). Os objetos e as suas disposições, os movimentos e as expressões em nossa casa e na rua são indicativos, muitas vezes inconscientes das concepções e ações nossas e dos grupos aos quais pertencemos, nas vivências cotidianas.

Há que se considerar que na banalização também está inserida a questão ética. Afinal de contas, o que é permitido desconsiderar? Pode-se analisar essa questão tanto pelo lado do cuidar de si, como o da socialização onde devemos respeito ao que acontece ao nosso redor.

A importância do imperativo – de cuidar de si – é tratada já a partir da análise da Apologia, na qual Sócrates, ao se referir sobre a maneira como interpela seus concidadãos, para lhes falar sobre o cuidado de si,

[...] diz três coisas importantes: [o cuidado de si] é uma missão que lhe foi confiada pelo deus e que não a abandonará antes de seu último suspiro; é uma tarefa desinteressada para a qual não pede nenhuma retribuição, cumpre-a por pura benevolência; enfim, é uma função útil para a cidade, [...] pois ao ensinar aos cidadãos a ocuparem-se de si mesmos (mais do que de seus bens) ensina-lhes também a ocuparem-se da própria cidade (mais do que de seus negócios materiais). (FOUCAULT, 1997, p.119-120).

O cotidiano pode ser compreendido como lugar, já que as vivências em geral, estão somadas ao sentimento de identificação com aquela paisagem com a qual se interage.

Para Callai (2003), reconhecer e estudar o lugar que nos dá a identidade nos permite reconhecer o nosso pertencimento para se reconhecer como cidadão de um determinado lugar e que faz parte de um mundo maior. Também oportuniza aprender

⁶ PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

⁷ STECANELA, Nilda. O cotidiano como fonte de pesquisa nas ciências sociais. **Conjectura**, v. 14, n. 1, Caxias do Sul, 2009.

⁸ CHATTERJEE, Debashis. **Liderança Consciente**. São Paulo: Cultrix, 1998.



a fazer a leitura e a análise do espaço construindo para si uma metodologia capaz de estudar espaços mais amplos, mais distantes fisicamente.

A rotina

A repetição é um movimento que por natureza possui um caráter estressante e sua continuidade tende a agravar sua condição, quando for um esforço físico⁹, bem como os esforços mentais, conforme Tranjan¹⁰ afirma em seu artigo “A imitação das ondas”:

A repetição cria empresas depauperadas. Não existem ambientes mais inadequados para abrigar seres humanos. Nada mais contrário à natureza deles, que é a de brincar, criar, bisbilhotar, aprender, inventar. Em um ambiente de repetição, o ser humano está distante de suas principais faculdades. Com o tempo, porém, dada a sua capacidade de adaptação, estará tão automático, preciso, assíduo, constante, contínuo e invariável como o sistema-empresa do qual é vítima. O tédio, a impotência e a preguiça mental tomarão conta de suas atitudes. Diante de novos desafios, as pessoas vão preferir reduzir o teto, em vez de se esforçar para aumentar a própria altura (TRANJAN, 2012).

Assim, a rotina que se integra ao cotidiano tem o cárcere como destino de várias competências anuladas por esse efeito nefasto.

O fato de as pessoas ver não vendo, estar não estando, fazer não fazendo e, assim por diante, é exatamente o resultado daquilo que a rotina provoca nas pessoas, subtraindo deles uma percepção razoável do próprio cotidiano. Assim, há uma inevitável dificuldade generalizada de percepção de tudo quanto cerca o ser humano. Neste

ponto entra o desafio do pesquisador que é justamente o de tentar ver através do que parece normal, natural, que está encoberto. É preciso limpar as lentes para visualizar com mais nitidez aquilo que olhamos, mas não enxergamos.

Entretanto, como tudo nessa vida possui dois lados, dada a sua própria natureza dual, o outro aspecto da rotina é positivo e diz respeito à vantagem das pessoas já terem assimilado os processos necessários ao seu dia a dia. Exemplo disso é tudo quanto dá suporte ao enredo da vida das pessoas, ou seja, atividades ligadas à higiene pessoal, deslocamentos para o trabalho, dirigir, etc. Elias (1994) fala que os eventos, articulados numa cadeia de causas e efeitos, tendem a naturalizar aquilo que resultou de uma escolha, de uma decisão. O passado, ainda segundo Elias (1994), num vir a ser do presente, quando chegamos à naturalização como a incorporação das regras.

Dessa forma, sob esse ponto de vista, é inegável a vantagem em que todas as atividades repetitivas, estando assimiladas, proporcionam as pessoas, sob o aspecto de agilidade. Não fosse assim, seria inimaginável ter que construir ou reconstruir todos os processos inerentes ao viver, a cada dia, a cada momento, tendo que reaprendê-los indefinidamente.

Não é raro depoimentos de pessoas, que por sua atividade incomum, como artistas, queixarem-se da falta da rotina e terem que se deparar a todo o momento com situações novas, inusitadas. Para a maioria que convive com uma pesada rotina, soa estranho lamúrias desse tipo. Porém, mesmo sendo uma grande minoria, o fato é que essa situação também existe.

Naturalmente que a falta de rotina deixa a pessoa sempre alerta, mais atenta, portanto, da grande maioria. Outrossim, a exigência desse estado de prontidão, também gera estresse. Também há o fato a ser considerado, de que também poder-se-ia denominar rotina a falta da rotina?

⁹ A repetição do esforço físico leva a LER/DOT. Dá-se o nome de LER ao conjunto de doenças causadas por esforço repetitivo.

¹⁰TRANJAN, Roberto Adami. Disponível em: <http://www.metanoia.net/?p=1248>. Acesso em 20/10/2012.



O papel da mídia

Outro aspecto, com uma presença bastante significativa na vida das pessoas, é a própria banalização encontrada na mídia, a qual, por sua vez, exerce um papel importante na formação de ideias e conceitos sobre as coisas em toda população. Não que a banalização seja o produto, ao contrário. O enfoque e as escolhas da mídia produzem esse desprezível subproduto.

Dussel (1986, p.46) afirma:

Deste modo, a consciência “moral”, a partir dos princípios morais de um sistema que seja dominador (como é o caso de sistemas onde há apenas alguns que podem falar e a maioria não tem o direito de dizer sua palavra), cria uma consciência tranquila, que não dói, ante uma práxis que o sistema aprova, mas que pode ser originalmente perversa, de dominação.

Também há o fato de que a mídia eletrônica (rádio e TV) é um serviço público, de acordo com a Constituição de 1988. Por ser um serviço público, essa mídia não tem donos, mas sim concessionários, que, ao receberem a concessão, têm como compromisso implícito prestar serviço da melhor qualidade possível, que tenha caráter educativo, promova a virtude, além de propiciar informação o mais imparcial possível e uma diversão inteligente, sem discriminação e ofensas às pessoas.

Na prática, porém se verifica que o mercado – local onde se busca o lucro – fala mais alto, sendo um imperativo que destrói toda a ideia de um serviço público. Assim, os programas são regidos pela audiência, que por sua vez reflete a cultura e a preferência da população, que em sua grande maioria tende a apreciar programas do tipo Big Brother Brasil que transmite para a população brasileira uma representação e um ensinamento, tácito ou mesmo manifesto, onde se apresenta um cotidiano corriqueiro, em que prevalecem o

ócio e a competição, com seus aspectos negativos, além da promiscuidade. Uma verdadeira e absoluta banalização das virtudes sendo alimentada e retroalimentada cotidianamente.

Na mídia a banalização é a consequência mais óbvia pela forma como os acontecimentos são enfocados, onde tanto a vida como a morte são vulgarizadas de todas as formas, tudo em nome de uma maior audiência para produzir maiores lucros – lei do mercado; da oferta e da procura.

A violência de tanto ser exposta nos noticiários se tornou trivial e dessa forma se torna mais natural que cada vez mais pessoas adiram a esses comportamentos. Afinal de contas, se tudo é tão comum, por que eu não poderia também roubar, matar, etc.?

O sexo, por sua vez, disputa posição com a violência. Porém a concorrência é tanta que fica difícil saber quem poderia estar ganhando essa corrida na direção da futilidade.

E as pessoas já tão acostumadas com esse padrão que lhe são impostos, não se admiram mais de quase nada. Pior do que isso, o próprio discernimento do que é certo ou errado fica cada vez mais prejudicado, sem que se aperceba que estão sendo alvo de manobras para aumentar a audiência e multiplicar os lucros, em detrimento do que deveria ser uma programação cultural ou informativa, mas, sobretudo isenta.

Portanto, a forma figurada desse contexto pode ser representada por uma pessoa dentro de um poço, pouco esforço realizando para sair dele e, pior, sendo empurrada cada vez mais para baixo, numa verdadeira espiral descendente sem fim.

Assim, há que se considerar que sendo poucos que conseguem superar esse permanente bombardeio e ficar livre dessa influência nefasta, a grande maioria da população tende a banalizar cada vez mais a própria vida. A única saída é o investimento maciço em educação de forma a se desenvolver um espírito crítico suficiente



para aprimorar primeiramente uma capacidade de discernimento maior. Depois, a capacidade de cultivar linhas de raciocínio e de novas possibilidades de visualização complementar as competências de uma pessoa ao nível cidadão.

Considerações Finais

Lançar o olhar sobre o cotidiano sempre será um exercício profundo e muitas vezes dolorido, pois há que se abrirem portas emperradas, enferrujadas e até mesmo descobrir, ou redescobrir, a necessidade de se construir espaços que interligam o automático da mente com a capacidade de recriar e de melhorar atividades que são executadas imperceptivelmente.

Levantam-se questões a serem refletidas como até que ponto o automatismo executado totalmente de forma inconsciente é uma vantagem ou não. Existiriam outras formas de comportamento ou essa demanda não é uma variável controlável?

Percebe-se que a flagrante e imensa falta de espírito crítico, primeiramente afasta as pessoas de um nível adequado de cidadania. Além disso, que o nível de manobra dos poderes, notadamente do próprio mercado, somente poderá ser combatido com um nível de educação maior e melhor.

Constata-se que esse panorama educacional corrobora com a busca da felicidade através do apelo mercadológico e suas falsas promessas, ignorando-se que o caminho verdadeiro está na ética e na virtude, com o necessário desapego.

Conclui-se que dentre outros aspectos, a importância de se ter a capacidade de olhar e enxergar na plenitude, de ouvir e compreender o máximo possível e assim por diante. Ou seja, competência para captar o cotidiano de forma absoluta. Quanto maior esse

potencial, maior a percepção e, por conseguinte, melhor a compreensão dos fatos, das circunstâncias, do contexto, enfim. Dessa forma se potencializa a capacidade de raciocínio e, com uma compreensão ampliada, adotar as decisões mais adequadas.

Referências

- CALLAI, Helena Copetti. Do ensinar Geografia ao produzir o pensamento geográfico. **In:** REGO, Nelson, AIGNER, Carlos, PIRES, Cláudia, LINDAU, Heloísa (orgs.). **Um pouco do mundo cabe nas mãos:** Geografizando em educação o local e o global. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 57-73.
- CERTEAU, Michel de, GIARD, Luce, MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano, Morar e Cozinhar.** Petrópolis: Vozes, 2005.
- CHATTERJEE, Debashis. **Liderança Consciente.** São Paulo: Cultrix, 1998.
- DUSSEL, Enrique. **Ética Comunitária.** Buenos Aires, Argentina: Paulinas, 1986.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador,** v.1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- HOUAISS, Instituto Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- PAIS, José Machado. **Vida cotidiana:** enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.
- STECANELA, Nilda. O cotidiano como fonte de pesquisa nas ciências sociais. **Conjectura,** v. 14, n. 1, Caxias do Sul: 2009.
- TRANJAN, Roberto Adami. **Metanóia.** São Paulo: Palavra Acesa, 2012.
- _____. **A Imitação das ondas.** Disponível em: <http://www.metanoia.net/?p=1248>. Acesso em 20/10/2012.